UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III - GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

CLARA SANTANA DA SILVA

POMBAGIRA, A ENTIDADE DA LIBERDADE E DO AMOR

GUARABIRA-PB
2025

CLARA SANTANA DA SILVA

POMBAGIRA, A ENTIDADE DA LIBERDADE E DO AMOR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

CAMPINA GRANDE-PB

2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica.
Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Clara Santana da.
Pombagira, a entidade da liberdade e do amor [manuscrito] / Clara Santana da Silva. – 2025.
23 f.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.
"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de História - CH".

1. Pombagira. 2. Resistência. 3. Estereótipos. 4. Discriminação. I. Título

21. ed. CDD 299.6

Elaborada por Maria Suzana Diniz da Silva - CRB - 15/873 BSC3

CLARA SANTANA DA SILVA

POMBAGIRA, A ENTIDADE DA LIBERDADE E DO AMOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História

Aprovada em: 27/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Rita de Cassia da Rocha Cavalcante** (***.644.404-**), em **31/05/2025 11:19:34** com chave **46972af23e2a11f0ad7b06adb0a3afce**.
- **Waldeci Ferreira Chagas** (***.945.344-**), em **30/05/2025 21:38:38** com chave **97c3d9f23db711f082ca1a1c3150b54b**.
- **Naiara Ferraz Bandeira Alves** (***.880.884-**), em **30/05/2025 22:34:17** com chave **5e3677963dbf11f086121a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.
Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final
Data da Emissão: 03/06/2025
Código de Autenticação: aed18a

.

Para todas as mulheres que com ~~a~~ coragem e resistência da força invisível que pulsa na alma de cada uma delas ~~que~~, assim como a Pombagira, dançam na existência da vida com sensualidade, coragem e esperança. **Dedico**.

AGRADECIMENTOS:

A minha mãe e irmãs, que sempre estiveram comigo e me deram todo apoio durante essa caminhada, aos que me ouviram falar incansavelmente sobre o presente artigo, e a todos que, de alguma maneira, contribuíram para a realização desse artigo, com gestos de carinho e afeto. Vocês, ocupam um lugar especial no meu coração.

SUMÁRIO:

1. **INTRODUÇÃO 7**
2. **QUEM É POMBAGIRA.....9**
3. **AS FACES DE POMBAGIRA E SEU FAZER.....13**
4. **OS ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS CONTRA AS POMBAGIRA.....18**
5. **CONSIDERAÇÕES FINAIS.....21**
6. **REFERÊNCIAS.....22**

POMBAGIRA, A ENTIDADE DA LIBERDADE E DO AMOR

CLARA SANTANA DA SILVA

RESUMO:

O presente artigo analisa a entidade Pombagira dentro das religiões afro-brasileiras, e enfoca seus mitos, origens e símbolos, com o objetivo de promover a compreensão ampla e respeitosa de sua imagem. O trabalho analisa os estereótipos e preconceitos que frequentemente cercam a imagem da Pombagira, muitas vezes associadas à sua representação como uma entidade sensual, perigosa, maligna e marginal é uma discussão bibliográfica sobre a entidade pombogira , construída a partir da leitura de algumas obras escritas por pesquisadores e pesquisadoras acerca dessa entidade, são obras escritas por pessoas iniciadas e não iniciadas nas religiões afro-brasileiras; uma vez que conhecer sobre as entidades faz parte do cotidiano dos iniciados em tais religiões, e por isso, algumas pessoas escrevem com o intuito de colaborar na superação do preconceito e estereótipos. . Destaca a importância dessa entidade como símbolo de resistência, autonomia e empoderamento feminino, reflete sua essência como expressão de liberdade, força e cuidado com seus filhos e filhas. Analisa também os aspectos históricos e culturais, ressalta sua luta contra o patriarcado, a repressão religiosa e os preconceitos sociais alimentados por uma visão distorcida de suas manifestações. Dessa forma, valoriza a simbologia da Pombagira na cultura brasileira, destaca sua relevância como símbolo de resistência, liberdade, força feminina e protagonismo feminino no contexto das religiões afro-brasileiras.

Palavras-chave: Pombagira, resistência, estereótipos, descriminação.

ABSTRACT:

This article analyzes the entity Pombagira within Afro-Brazilian religions, and focuses on its myths, origins and symbols, with the aim of promoting a broad and respectful understanding of its image. The work analyzes the stereotypes and prejudices that often surround the image of Pombagira, often associated with its representation as a sensual, dangerous, evil and marginal entity. It highlights the importance of this entity as a symbol of resistance, autonomy and female empowerment, reflecting its essence as an expression of freedom, strength and care for its sons and daughters. It also analyzes the historical and cultural aspects, highlighting its fight against patriarchy, religious repression and social prejudices fueled by a distorted view of its manifestations. In this way, it values the symbolism of Pombagira in Brazilian culture, highlighting its relevance as a symbol of resistance, freedom, feminine strength and female protagonism in the context of Afro-Brazilian religions.

Keywords: Pombagira, resistance, female empowerment, Afro-Brazilian religion, culture, prejudice, stereotypes, autonomy, female strength, freedom of expression.

INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre as religiões que são cultuadas no nosso país sempre me interessou e me intrigou também, sobretudo, por ter crescido em uma família católica fui ensinada que o catolicismo era a única e verdadeira religião a ser seguida. Devido a isso, as demais religiões não me interessavam de imediato e continuou assim até eu mudar de cidade, mas continuei seguindo os passos do catolicismo, o que não impediu de a curiosidades sobre as demais religiões ter se mantido.

Com o passar dos anos tive meu primeiro contato com algumas notícias sobre as religiões afro-brasileiras, eu era muito jovem não entendia muita coisa, lembro-me de quando era criança ter ouvido falar de um vizinho que incorporava pombagira e todos os vizinhos ao seu redor falavam que essa entidade remetia ao diabo e a destruição. Também relacionavam à situação a falta de Deus na vida do tal senhor. Tempos depois do ocorrido descobri que o tal vizinho estava embriagado e não incorporado com pombagira, ou seja, a situação que ouvi falar não tinha nenhuma relação com as religiões afro-brasileiras.

O primeiro contato de fato ocorreu quando pela primeira vez fui a um terreiro de umbanda, o convite foi feito a minha mãe que decidiu levar a mim e a minha irmã, fui morrendo de medo, sobretudo, devido as histórias negativas que já tinha ouvido sobre os terreiros de umbanda.

Ao entrar no lugar atentei-me a observar cada detalhe e cada entidade que ali se fazia presente, com o decorrer do tempo todos aqueles estereótipos e preconceitos que me foram frequentemente ditos e impostos sobre essa religião caíram por terra, principalmente quando vi uma moça incorporada com pombagira. Me chamou atenção o cuidado que as pessoas que estavam ao seu redor tinham com ela e a entidade.

Em momento algum vi medo ou desespero nos rostos das pessoas que ali estavam presentes, muito menos algo que fosse considerado “maligno”, afinal de contas malignos são os estereótipos, preconceitos, ignorância e o preconceito religioso para com essa religião, o que já vem de há séculos.

Após esse contato não tive nenhum outro e durante minha adolescência não fui ao terreiro, mas a curiosidade em saber sobre as religiões afro-brasileiras se manteve, e vez ou outra fazia pesquisa na internet já que minha mãe não permitia que eu retornasse ao terreiro.

Quando iniciei a caminhada universitária nos debates sobre religiões afro-brasilei-

ras frequentemente o interesse despertava, principalmente em querer saber sobre pombagira; alvo de preconceito. Como tema de projeto de conclusão do Curso de História me aproximei do tema, e acabei revisitando minhas memórias e decidi escrever sobre pombagira.

Não se trata de um estudo etnográfico, nem de uma pesquisa realizada com entrevista feita aos iniciados e praticantes das religiões afro-brasileiras sobre pombagira, mas esse trabalho é uma discussão bibliográfica sobre a entidade pombagira, construída a partir da leitura de algumas obras escritas por pesquisadores e pesquisadoras acerca dessa entidade, são obras escritas por pessoas iniciadas e não iniciadas nas religiões afro-brasileiras; uma vez que conhecer sobre as entidades faz parte do cotidiano dos iniciados em tais religiões, e por isso, algumas pessoas escrevem com o intuito de colaborar na superação do preconceito e estereótipos.

De acordo com Santos & Soares (2007, p. 3) a origem do nome "pombagira" é atribuída a um processo de transformação linguística de "bombonjira", que remete a um símbolo do orixá Exu na cultura Iorubá, o que passou a ser adotado na cultura afro-brasileira com significado relacionado ao movimento e à roda; ritual da umbanda, e simboliza o caminho ou a direção.

A entidade pombagira simboliza a liberdade de expressão sexual, o poder feminino e a capacidade de manipulação, muitas vezes relacionada à prostituição e ao desejo sexual, o que faz com que seja vista como uma representação do arquétipo da mulher que vive sua sexualidade sem repressão (Santos & Soares, 2007).

Pomba-Gira representa a sexualidade, sensualidade, o poder das mulheres e a liberdade de mostrar quem elas são. Ela costuma ser relacionada à ideia da mulher fatal e desafia as regras sociais com o seu poder sexual e sedução. Ela é conhecida e aparece nos rituais da umbanda; culto praticado pelo povo brasileiro.

Neste trabalho analiso os estereótipos atribuídos a Pombagira, uma entidade feminina que no imaginário do brasileiro é demonizada e vista como maligna, mas o nosso intuito é discutir o que de fato ela representa. Ou seja, o empoderamento feminino, o poder, a força, e tudo aquilo que a mulher pode ser, trazendo uma contra proposta do estereótipos que a entidade carrega.

A mulher pode ser sensual dona de si, complexa, independente, e tudo o que lhe foi tirado, quebrar o tabu imposto pela sociedade machista e patriarcal que ainda quer decidir sobre o que elas podem vestir ou não, o que pode ser ou não, como deve se comportar e se submeter a um padrão social imposto.

Pombo- gira é a representação de todas as mulheres que não baixam a cabeça e

não seguem os padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal e machista. Ela também representa as mulheres que foram perseguidas e silenciadas ao longo da história. E que continuam a existir mesmo diante da violência, opressão e de uma sociedade conservadora.

Por isso, também discuto neste trabalho o cuidado e a proteção que a entidade Pombagira tem e é ofuscada pelos preconceitos impostos sobre ela, visto que trabalha com energias que abre os caminhos e cuida do coração humano, sobretudo, quando o assunto é o amor.

QUEM É POMBAGIRA?

São muitas as pombo-giras que atuam nas religiões afro-brasileiras entre elas estão as consideradas mais famosas: Pombagira Rainha, Maria Padilha, Pombagira Sete Saias, Maria Molambo, Pomba Gira da Calunga, Pombagira Cigana, Pombagira do Cruzeiro, Pombagira Cigana dos Sete Cruzeiros, Pombagira das Almas, Pombagira Maria Quitéria, Pombagira Dama da Noite, Pombagira Menina, Pombagira Miron gueira e Pombagira Menina da Praia (Prandi,1996, p.148).

Maria Padilha, talvez a mais popular Pombagira, é considerada espírito de uma mulher muito bonita, branca, sedutora, e que em vida teria sido prostituta grã-fina ou influente cortesã (Prandi,1996, p.147).

Sua história, embora marcada por muitas versões, está frequentemente relacionada à prostituição, a uma imagem de entidade perigosa e feiticeira que deve ser temida. Além disso, Maria Padilha aparece nas tradições como uma figura que atua tanto para o bem quanto para o mal, dependendo do contexto e do desejo de quem busca sua magia.

Segundo Prandi 1996, Pombagira vem sempre para trabalhar e trabalha contra aqueles que são seus inimigos e inimigos de seus devotos. Ela considera seus amigos todos aqueles que a procuram necessitando dos seus favores e que sabem como agradecer-lhe e agradá-la.

Outra pombogira bem conhecida dentro das religiões afro-brasileiras é a Maria Molambo, o que chama a atenção nessa pombagira são suas vestimentas, pois utiliza trapos em seus vestidos diferentes do que estamos costumados a ler e ouvir sobre as vestimentas das outras pombagira que usam vestidos chamativos e bem-feitos.[1]

1 As diferentes formas de nomear a entidade Pomba-Gira refletem sua diversidade de manifestações e interpretações dentro das religiões afro-brasileiras. Conforme aponta Santos e Soares (2007), o nome "Pomba-Gira" originou-se de de uma transformação linguística de "bombonjira", símbolo do orixá Exu na cultura iorubá, e passou a representar um caminho ou direção ritualística no universo afro-brasileiro.

> Maria Molambo, uma Pombagira que sempre se veste de trapos, teria sido, no final do período Colonial no Brasil, a noiva prometida a um influente herdeiro patriarcal e que, apaixonada por outro homem, com ele fugiu de Alagoas para Pernambuco. Foram perseguidos incansavelmente pela família ultrajada e desejosa de vingança e encontrados três anos e meio depois (Prandi,1996, p.148).

Tanto Maria Molambo quanto Maria Padilha representam figuras femininas fortes, quase mitológicas, associadas à sedução e à magia e resistência, consideradas como mulheres que estão as margens da sociedade, conhecê-las dessa forma só nos mostram o quanto elas são mulheres firmes e independentes e seguras de si.

Há formas de buscar-se contato com as pombagiras de três maneiras diferentes e seguras. Prandi nos mostra elas, ou seja, as formas a seguir:

> 1) consultando-se com ela durante uma gira ou toque em que ela está presente pelo transe, em sessões que ocorrem muito tarde da noite, geralmente às sextas-feiras;
> 2) em contato com ela em sessão reservada, geralmente à tarde, quando o terreiro oferece consultas privadas;
> 3) tendo o pai ou mãe-de-santo como intermediador, podendo eles usarem o jogo de búzios, o oráculo dos orixás (Prandi, 1996, p.152).

Dessa maneira podemos entrar em contato com a entidade e fazer os pedidos e trabalhos desejados da forma correta, segura e respeitosa para com seus filhos de santo e com a própria entidade.

Segundo Prandi Pombagira, é uma entidade muito parecida com os seres humanos.

> Ela teria tido uma vida passada que espelha certamente uma das mais difíceis condições humanas: a prostituição. Mas é justamente essa condição que permitiu a ela um total conhecimento e domínio de uma das mais difíceis áreas da vida das pessoas comuns, que é a vida sexual e o relacionamento humano fora dos padrões sociais de comportamento aceitos e recomendados. Assim, acredita-se que Pombagira é dotada de uma experiência de vida real e muito rica que a maioria dos mortais jamais conheceu, e por isso seus conselhos e socorros vêm de alguém que é capaz, antes de mais nada, de compreender os desejos, fantasias, angústias e desespero alheios (Prandi,1996, p.154).

Outras pombagira conhecidas são Maria Farrapo e Dama da noite, Favaro, Wedig e Corona, (2022) citando (Coppini, 2016a:478), nos mostra um pouco dos fazeres dessas entidades:

> “Coppini (2016a) menciona que as Pombagira Maria Farrapo e Dama da Noite podem ser evocadas em questões relacionadas à violência contra as mulheres como assédios sexuais e estupros, e se encontram de prontidão para punir fisicamente e espiritualmente os agressores. As Pombagira como Maria Farrapo e Maria Molambo são aludidas como mulheres negras que foram escravizadas no Brasil Colônia e que resistiram às agressões e humilhações coloniais e lograram suas liberdades com conhecimentos de feitiçaria, usados contra seus opressores, e que, libertas, conseguiram “sair pela vida, hora no cabaré, hora na rua, fizeram o que deveria ser feito” (Coppini, 2016a:478)”

A proteção oferecida para quem trabalha com elas é admirável de uma forma poderosa, essas entidades representam não apenas proteção, mas também empoderamento, resistência e a luta contra a opressão histórica. Elas inspiram uma conexão com a força, coragem e a capacidade de superar dificuldades, sendo símbolos de libertação e resistência que fortalecem quem busca sua ajuda.

Essa concepção dessas pombogiras é muito significativa para que entendam seus fazeres e lugares de atuação que de forma tão cuidadora e forte abraça e acolhe seus filhos e filhas de santo e os impulsionam para que não abaixem a cabeça.

A percepção de Pombagira enquanto entidade que incorpora a experiência e a sabedoria originadas de condições de marginalidade contribui para uma compreensão de sua função como uma mediadora e conselheira nas questões mais íntimas e complexas da existência humanidade. Tal visão promove uma abordagem de empatia e compreensão que desafia as concepções tradicionais de moralidade, reforça seu papel de auxílio e proteção nas áreas da sexualidade, desejos e relacionamentos, muitas vezes associadas a margens sociais e culturais.

A intolerância com as religiões afro-brasileiras no Brasil é ainda recorrente, principalmente para com as divindades que se assemelham aos seres humanos, ou, seja os exus e pombagira; considerada o exu mulher, o que a torna duplamente marginalizada já que exu é sinônimo de algo maligno e constantemente associado ao diabo, ou seja, pombagira além de ser estereotipada como o diabo é vista como mulher de cabaré, uma prostituta.

Pombagira não é vista como uma entidade que trabalha a favor do bem, muito pelo contrário ela é vista como a personificação do mal e da vulgaridade, a dualidade da pombagira permite mantenha-se em equilíbrio e trabalhe tanto a favor do bem quanto a favor do mal; a convivência com esses dois lados lhe permite o equilíbrio.

Segundo Barros (2006, p. 47) pombagira é representada como uma entidade maligna, por carregar consigo os estereótipos de mulher da “vida”, “messalina”, “depravada” e meretriz. Dessa forma também é sinônimo de poder, do sentir, e exala vida, sexo, riqueza. É uma mulher que não se pode controlar e por isso, assume o papel de “vilã” que lhe

foi imposto, por isso, é mulher temida, haja vista a sociedade está estruturada no conservadorismo.

Ideias construídas e generalizadas pelos setores conservadores da sociedade brasileira que insistem na manutenção de práticas misóginas, contra as mulheres que quebram os padrões que lhes foram impostos. As que não se curvam, não se dobram e não têm medo da sociedade machista que quer ditar o seu direito de ir e vir, de se vestir, a maneira de se portar em público, falar, e agir, nos lugares onde uma mulher que se "preze" pode frequentar ou não, o que faz com que pombagira represente empoderamento e "extravagancia e liberdade.

De acordo com Marques (2019, p. 58), os padrões de beleza das pombagira são a exuberância dos vestidos marcantes com cores vibrantes, as maquiagens, acessórios, como colares e leques, o que impedem que sua presença não passe despercebida aos olhos humanos. Onde ela estiver, é identificada e apontada, visto que sua principal característica marcante é a sua gargalhada impactante, mas nem sempre a sua gargalhada remete ao deboche pode significar a afirmação de que um trabalho foi bem-feito que algo bom estar por vir e pode indicar a tristeza ou que algo não estar do seu agrado

Os lugares onde lhes são realizadas as oferendas, sãos nas encruzilhadas, cemitérios dentre outros lugares, visto ser um exu, e os exus são conhecidos como "o povo da rua" o que deixa ainda mais essa entidades, próximas dos seres humanos, e conhecedores dos seus desejos e sentimentos mais íntimos e que nem sempre são demostrados (Barros, 2006, p.58)

Dentro de uma sociedade carregada de preconceitos com as mulheres e o desejo de querer controlar o corpo feminino, suas vestimentas, lugares que podem ou não frequentar e seu direito de ir e vir, pombagira representa o avesso, uma vez que por quebrar o padrão da sociedade, ela se torna uma ameaça para a civilização padronizada e estruturada nos referenciais europeus.

A perspectiva da sociedade é a de que as mulheres sejam mães e donas de casa exemplares e submissas, na contramão desse projeto, a entidade pombagira é uma mulher empoderada, forte, dona de si, sem barreiras que a impeçam de ser quem quiser e acima de tudo ser a representação da mulher livre. Por isso, pombagira sempre é malvista e associada a algo maligno, impróprio e subversivo.

De acordo com Marques (2019, p. 65-66), os estereotipos atribuídos a pombagira não são negados, mas ressignificados, pois essa mulher não esconde o que é, o que seria pombagira senão a mulher que quer viver da forma que se identifica e não da forma que a impõe. A mulher que amedronta a predominância da masculinidade na sociedade

em que vive e onde as mulheres sobrevivem para seguir a maneira “correta” de se comportar como mulher.

Pomba-gira diferente de Iemanjá que é símbolo de mãe, é a mulher dos prazeres e da busca pela subversão é a mulher a se negar ter semelhança, mas busca o mal e vem de quem a procura e em qual lado quer que ela trabalhe.

É importante destacar que com a “fama” que essa entidade possui ela é a representação de uma nova proposta feminina, a mulher que sente, que se permite, que faz, que se impõe, que é incontrolável.

> Pomba-gira é isso, é mulher-Exu; é falange, é a personificação do que sempre foi contido, represado e reservado da sexualidade feminina; é o gozo e o prazer intenso em ser e se saber mulher. É o perigo da magia, que carrega, de seus feitiços 3 conjuros. É entidade das trevas, mas que também propicia a luz. É a esperança de solução de problemas íntimos, difíceis de serem tratados abertamente; é o desejo de solução de amores e dores clandestinas. A ela se pode falar de falta ou ausência de quase tudo, daquilo que dificilmente se revelaria a outros que não a ela mesma – “comadre " - que entende dessas coisas. Pomba-gira está à margem da sociedade e do culto, mas conseguiu possuir identidade própria e lugar de destaque no imaginário popular, com sua gargalhada icônica, em filmes, jornais e novelas (Barros, 2006, p. 60).

A imagem da Pomba-Gira, é dupla, visto seu papel na cultura popular e nas práticas espirituais. Ela é apresentada como uma entidade que representa a sexualidade feminina, tanto seu lado mais prazeroso quanto seu aspecto mais perigoso, ligado à magia e aos feitiços. Ao mesmo tempo, é vista como símbolo de esperança e soluções para questões íntimas, especialmente relacionadas ao amor e às dores que muitas vezes são difíceis de falar abertamente.

Uma entidade que vive à margem da sociedade, mas que conquistou espaço próprio na imaginação popular, com personalidade marcante, como sua gargalhada icônica. Essa entidade simboliza tanto o lado oculto quanto o lado luminoso da experiência feminina, sendo uma ponte entre o segredo, o desejo e a esperança de transformação. É uma personagem que mistura o místico, o cultural e o simbólico, reflete a complexidade das emoções e das questões humanas que ela representa.

AS FACES DE POMBAGIRA E O SEU FAZER

As Pombagira são espíritos da linha de Exu na Quimbanda que representam uma forma de resistência contra o sistema colonial, patriarcal e moderno, que tenta colocar as pessoas em caixinhas e trata quem é diferente de forma ruim, especialmente as mulheres. (Favaro, Wedig e Corona, ⸗2022, p. 6).

> As Pombagira foram crucificadas como bruxas pelo colonialismo, com formas degradantes, satânicas e hipersexualizadas. Entre os afro religiosos, elas atuam como formas que exprimem intrepidez, independência e resistência, tal como afirmam os pontos-cantados: Ela é bruxa das almas, ela é um Exu, na boca do lixo é Maria Molambo/Foi condenada, pela lei da inquisição, para ser queimada viva, sexta-feira da paixão. O padre rezava, o povo acompanhava, quanto mais o fogo ardia, ela dava gargalhada (Favaro, Wedig e Corona, ⸗2022, p. 7).

As Pombos-giras, carregam há muito tempo com elas os estereótipos negativos e descredibilizados que vem lá do colonialismo e se prolongam até os dias atuais fazendo associações com a bruxaria, satanismo e a sexualização dessa entidade com o intuito de marginalizar e demonizar a imagem feminina que representam independência, força e empoderamento, essa entidade desafia as “moralidades” impostas pelo patriarcado.

A intolerância e ignorância da sociedade acabam deixando de lado a importância das pombagiras para os que a cultuam que as tem como símbolos de coragem e resistência, dessa forma fazem com que as Pombos-giras, sejam muitas vezes mal interpretadas ou criminalizadas, que na verdade são símbolos de resistência, autonomia e empoderamento dentro das tradições afro-religiosas.

Nos terreiros, elas se juntam as mulheres que na sociedade sofrem todo tipo de violência, portanto, são espíritos que representam as pessoas que foram deixadas de lado, ou seja, colocadas a margem da sociedade. “Nos terreiros de umbanda e quimbanda, elas têm espaços onde quebram as regras e imposições morais, sociais impostas pela modernidade ocidental. Elas representam a liberdade, a autonomia e a possibilidade de ser outra mulher diferente da mulher idealizada pela cultura judaico-cristã”. (Favaro, Wedig e Corona, ⸗2022, p.10)

Ou seja, as pombagiras ajudam a dar voz e força aos excluídos, mostram-lhes um jeito diferente de entender o mundo e viver nele; um mundo que não segue as regras rígidas que a sociedade costuma impor.

Tudo isso serve para ajudar as pessoas que as seguem que são chamadas de filhas e filhos, e a finalidade dos fazeres por elas indicados é abrir os caminhos no amor, trazer dinheiro, curar males do corpo e do espírito, e fazer justiça na vida dos seus filhos e filhas.

Santos & Soares (2007, p.13) aborda a relação entre as pombagiras e as prostitutas trazendo esse jogo de troca entre elas. Segundo esses autores.

> “Entre as prostitutas e a Pombagira os contratos e as trocas também, fa-

> zem-se sob a forma de presentes, no entanto, não são teoricamente voluntários, são fundamentalmente dados e retribuídos mediante “contratos”, negociações explícitas, estabelecidas entre ambas as partes: “tu me dá isso que eu te dou aquilo” (Santos e Soares, 2007, p. 13). “

Tudo isso serve para ajudar as pessoas que as seguem que são chamadas de filhas e filhos, e a finalidade dos fazeres por elas indicados é abrir os caminhos no amor, trazer dinheiro, curar males do corpo e do espírito, e fazer justiça na vida dos seus filhos e filhas.

Elas indicam aos que as procuram vários rituais sagrado-religiosos que auxiliam as pessoas no equilíbrio das suas energias espirituais, a exemplo de banhos de descarrego, defumações, oferendas, ebós, quebra de demandas, relações sexuais dentre outros trabalhos em que elas podem auxiliar, mas sempre naquela me dar o que eu quero e eu te do o que você precisa.

Geralmente, os pedidos são relacionados a algo sexual e as pombagiras pedem em troca bebidas alcoólicas: cachaça, cerveja, champanhe, na maioria das vezes, cidra, cigarros, cigarrilhas velas na cor vermelha e preta (Santos e Soares, 2007, p.15).

Com isso, as pombagira atuam como protetoras e guias das prostitutas, o que faz com que elas as consideram suas “mães” e madrinhas, pois acreditam que acompanham suas trajetórias de vida.

No ritual, as pombagira manifestam-se como mulheres exuberantes, vesstidas de vermelho e preto, simbolizam o luxo, sedução e poder. Apesar de seu caráter ardiloso e erótico, essas entidades exercem influência sobre diversos aspectos da vida das mulheres, e inclui decisões pessoais e questões passionais (Santos e Soares, 2007, p.10).

Os terreiros de umbanda e quimbanda conferem a elas uma dimensão ritualística onde a sexualidade é central, e é comum que recebam oferendas típicas das mulheres vaidosas e ardilosas, como batons, espelhos, bebidas e velas nas cores relacionadas à sua simbologia, preta e vermelha.

Portanto, os fazeres das pombagira combinam aspectos mágico-religiosos, simbólicos e políticos, e se constitui numa forma de resistência e de criação de conhecimento contrapostas aos padrões coloniais de gênero, moralidade e existência.

As pombagiras são entidades importantes e possuem várias camadas, cada uma mostra um lado diferente delas que falam sobre poder, sexualidade e resistência. Primeiramente, como mulher fatal, as pombagira são sedução e erotismo, mostram como as mulheres podem atrair e, até manipular relacionamentos amorosos e sexuais. É nesse ponto que entra a força do desejo feminino, o que permite que as mulheres sejam donas

da própria sexualidade e façam suas vontades em um mundo que muitas vezes lhes impõe regras rígidas.

Além disso, as pombagiras também atuam como “mãe protetora”. Elas estão sempre a disposição para dar apoio e acolhimento, especialmente para aquelas que estão enfrentando dificuldades, na prostituição. Com isso, fica claro que as pombagiras não são apenas a tentadora, mas também amiga que está ali para ajudar e guiar suas devotas nos momentos complicados.

Outra face que não podemos deixar de mencionar é a sua representação como símbolo de liberdade. As pombagiras representam um grito contra as normas sociais excludentes, ao afirmar que as mulheres podem ser o que quiserem. Elas encorajam as mulheres a expressarem suas individualidades e desejos, à medida que oferecem um espaço seguro para isso.

Não se pode esquecer que as pombagiras também funcionam como uma entidade de conexão com o sagrado. Elas agem como intermediárias entre o mundo material e o espiritual, e ajudam as pessoas a se conectarem com algo maior do que elas mesmas. Essa condição e função é super relevante, pois destaca como os rituais que envolvem as pombagiras são essenciais para a vida das prostitutas, que buscam nelas proteção e orientação.

Todas essas faces das pombagiras mostram como essa entidade pode ter muitas significações. Elas ajudam as prostitutas a refletirem sobre suas experiências, desafios e sonhos, e criam uma história coletiva que está enraizada na cultura e nas vivências delas. Dessa forma, elas se tornam não apenas uma figura mítica, mas um símbolo poderoso da luta das mulheres por liberdade e empoderamento nas suas vidas.

Segundo Santos & Soares (2007, p.2) as pombagiras são entidades centrais, simbolizam tanto a liberdade sexual quanto a proteção e acolhimento.

As práticas realizadas nos terreiros, que envolvem oferendas e danças dedicadas a elas, refletem a forma como as mulheres estabelecem uma conexão profunda com essas entidades, e busca não apenas apoio espiritual, mas também criam laços de solidariedade e comunidade entre elas.

A relação com as pombagiras permite que as mulheres reivindiquem sua identidade e expressem sua individualidade, e destaca a importância da espiritualidade em suas vidas. Outro aspecto importante e marcante das pombagiras é a gargalhada e a relação com o médium que a incorpora.

De acordo com Oliveira (2015, p. 195-196), a gargalhada das pomba-gira é retratada como expressão de alegria e liberdade, além de funcionar como meio de comunica-

ção com as pessoas na terra, transforma a percepção da realidade, à medida que permite interação profunda com aspectos inconsciente da experiência humana, o que reflete a força do feminino que desafia as normas sociais.

Além disso, a gargalhada das pombagiras é destacada pela sua natureza, fluidez e associações com conceitos femininos. A gargalhada representa alegria, ironia e liberdade, pois transcende a realidade pragmática e reflete a verdade mais profunda ligada ao feminino. O riso sugere uma forma de resistência e emancipação, o que permite interação com o inconsciente, onde estão os motivos autênticos e muitas vezes censurados.

Bruna Cardozo (2015, p.192) cita (Baitello, 1999, p.2) ao analisar sobre a condição do corpo, e afirma que o corpo é ponto fundamental dentro do processo comunicacional. Por ele, os caminhos se iniciam e para ele retornam como uma primeira abertura, um primeiro meio para se comunicar. “Eis a mídia primária. Impensável qualquer interação de um indivíduo com outros indivíduos sem o corpo e suas muitas e múltiplas linguagens”

A sensualidade que as pombagira transmitem é sua forma de se impor e de se permitir ser quem elas são, sua gargalhada ecoa de forma firme mostra sua presença incontestável e a sua comunicação corporal, transmite sua essência.

De acordo com Oliveira (2015, p.196), o corpo é o meio através do qual a gargalhada se manifesta. É no corpo que se dá a incorporação das pombagiras, e a gargalhada se torna uma forma de comunicação que transcende as palavras.

O riso corporal das pombagira permite a expressão de suas emoções e vivências, funciona como um texto cultural que relata a experiência espiritual e social de cada pessoa que a incorpora. O ato de gargalhar envolve movimento físico e energético. A gargalhada pode ser entendida como uma forma de liberar tensões e transformar energias, abre caminhos para novas experiências.

Na prática dos rituais de pombagira, esse movimento é visto como uma purificação e renovação do espírito, nele o corpo torna-se um meio de troca de energias, vitaliza tanto o indivíduo quanto o coletivo. A gargalhada carrega uma simbologia rica que reflete aspectos da cultura e da identidade feminina. Ela sugere alegria, liberdade e a subversão de expectativas sociais. O corpo, ao gargalhar, ativa a simbologia, à medida que incorpora significados que vão além do mero ato físico e se entrelaçam com questões de poder, resistência e expressão feminina,

Nos rituais das pombagiras, a gargalhada dessa entidade é uma manifestação de cultura, onde corpo e gargalhada se fundem em uma experiência coletiva. Essa vivência ritualizada convida os participantes a se envolverem sensorialmente, fazendo com que a gargalhada se torne uma ponte entre o mundo material e o sagrado, entre o indivíduo e a

comunidade.

A gargalhada é um exemplo poderoso de comunicação não-verbal, onde o corpo expressa sentimentos e estados que podem ser difíceis de verbalizar. Essa forma de comunicação enfatiza a importância do corpo como um meio de dialogar com o outro, ressaltando que o corpo "fala" através de suas reações e expressões, incluindo a gargalhada. Assim, o corpo e a gargalhada tornam-se inseparáveis na construção de significados e relações (Oliveira 2015, pp. 195-196).

OS ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITO CONTRA AS POMBAGIRA

A origem do surgimento, da pombagira nos terreiros ~~são~~ é tão misteriosas, quanto a própria entidade, Cristiane Barros recorre a alguns pesquisadores que se contrapõem em suas pesquisas em relação a entidade nos terreiros brasileiros:

> “Embora Augaras e Capone considerem que Pombagira tenha surgido em terreiros cariocas; Prandi entende que ela "nasceu" no candomblé, como a derivação de Bongbogirá (exu africano) e a literatura religiosa, como Teixeira Neto, propõe que Pombagira sempre existiu enquanto o lado feminino do Exu masculino, não há certeza quanto à sua real origem nos terreiros. Até mesmo seu surgimento é envolto a mistérios, pois nada é gratuito para esta entidade. Somente hipótese é possibilidades podem ser, até o momento, levantadas em torno dessa poderosa divindade, detentora inelutável de uma exuberante sexualidade (Barros, 2006, p.49)”

O fato de que sua origem é envolvida em mistérios nos reforça ainda mais a ideia de que a Pomba-gira é uma figura complexa, carregada de simbolismos e significados profundos. Apontando também o papel que ela desempenha na expressão de desejos, poder e resistência, principalmente no contexto das tradições afro-brasileiras, sua sexualidade é vista de forma, poderosa e simbólica é mais uma de suas características, que representa força, liberdade e a luta contra as opressões a buscar para com a sua origem só reforçam sua importância como uma entidade que carrega histórias, mistérios e simbolismos ligados à cultura, religião e resistência afro-brasileira.

> "No imaginário afro-brasileiro, Pomba-gira é um Exu, um Exu do sexo feminino, um Exu Mulher ou, para alguns, um Exu-fêmea ou "Exua"; termo não tão difundido na literatura acadêmica. Como todo Exu, Pomba-gira representa a sublevação, a transgressão ostensiva de normas e condutas de uma moralidade conversadora. Pomba-gira é rebelião, litígio,

> demanda. É também sedução, sensualidade, coragem, inquietude, alegria, arrogância e ardor (Barros, 2006, p 52)"

Apesar de sua origem nos terreiros ainda serem misteriosas e de ser uma entidade multifacetada, sabemos que a entidade existe e trás consigo uma representação gigantesca de feminilidade e força, pois representa a liberdade de expressão e a busca por desejos e necessidades pessoais.

Além das indagações da origem sobre seu surgimento nos terreiros, também são recorrentes as curiosidades de como nasceu essa entidade da qual ela se “torna” a pomba-gira, por ser muito relacionada as mulheres subversivas e as mulheres de vida livre, e por isso, são assemelhadas com as prostitutas, e remete-se que pomba-gira pode ser a encarnação das mulheres da prostituição.

Cristiane Barros citando Teixeira Neto, mostra que para esse autor a origem da pomba-gira pode ser dividido em três ocasiões. A primeira entidade em si já ser a pomba-gira. A segunda a mulher que se entrega a exu (mulher desencarnada) e a terceira a mulher que se entrega aos excessos sexuais em vida (as prostitutas). (Barros, 2006, p 55).

Por mais diversificadas que sejam as teorias que utilizem para “explicar” essa entidade, os estereótipos negativos ainda perseguem as pombagiras, na nossa sociedade altamente tradicional e machista.

> “Seria, portanto, a partir de tipo de concepção ideológica que norteia a compreensão de Pomba-gira que esta permanece como prostituta e desviante ou assume um novo perfil e modelo de mulher, livre, autônoma e independente. Uma nova luz ou ainda as trevas? Porém "nas trevas também há luz ", como lembra Farelli ao justificar as contradições e multiplicidades das personalidades de Exu e Pomba-gira (Barros, 2006. p 55).”

A compreensão sobre a Pomba-Gira pode variar de acordo com a concepção ideológica que a interpreta. Ela pode ser vista como uma figura de prostituta e desviante ou como uma mulher livre, autônoma e independente, pois reflete diferentes perspectivas.

As Pombagiras ressignificam o ser mulher a partir de um modelo de mulher comum, aquela que luta e trabalha todos os dias, que denuncia o sexismo e vive sua sexualidade de forma livre (Marques, 2019, p 63).

Dessa forma ao ressignificar o que é ser mulher, desafiam os estereótipos tradicionais e mostram uma imagem de mulher que luta contra o sexismo e vive a vida do jeito que quer, é uma forma de valorizar a força e a liberdade feminina, mostrando que a mulher pode ser multifacetada, resistente e verdadeira consigo mesma.

A origem do preconceito a essa entidade está associada aos preconceitos sociais e históricos contra a sexualidade feminina. A sociedade patriarcal tradicionalmente machista e heteronormativa teme e reprime a sexualidade das mulheres, sobretudo, as pombagira pois exibem independência e autonomia sexual. Em função dessa condição tornam-se alvos fáceis para as projeções negativas.

O preconceito é intensificado pela falta de compreensão e pelo sensacionalismo que cercam as religiões afro-brasileiras, frequentemente marginalizadas e mal compreendidas no Brasil.

Além disso, a associação com a prostituição e a marginalidade também contribuem para a visão negativa das pombagiras. Muitas vezes, essas entidades são invocadas em ambientes que já são alvo de preconceito social, como locais frequentados por pessoas em situação de vulnerabilidade. Isso reforça a ideia de que são mulheres marginais, e não entidades espirituais poderosas e complexas.

Os estereótipos contribuem para perpetuar uma visão depreciativa, que ignora a importância cultural e espiritual das pombagiras para os praticantes da umbanda, quimbanda e candomblé, principalmente as pessoas que cultuam e incorporam-nas. Mulheres que desempenham os papéis espirituais muitas vezes enfrentam julgamentos e preconceitos sociais, sendo vistas como promíscuas ou moralmente questionáveis. Isso pode levar à estigmatização e exclusão social, além de perpetuar a visão errônea das práticas religiosas afro-brasileiras.

Os estereótipos e preconceitos contra as pombagiras são reflexos da sociedade que ainda não aceita e respeita a diversidade espiritual e cultural existente no Brasil. Ao reconhecer a complexidade e a profundidade das entidades, a sociedade pode começar a desmantelar as barreiras do preconceito e valorizar a rica tapeçaria das tradições que tem as religiões afro-brasileiras.

A visão errônea que a sociedade tem em relação a essa entidade feminina vem da falta de conhecimento em ralação as religiões afro-brasileiras, o medo do desconhecido faz com que as pessoas se afastem em vez de buscarem conhecimento e passarem a compreendê-la. Ou seja, as pessoas acabam perdendo a oportunidade de conhecerem sobre essa entidade e reforçam o preconceito contra as religiões afro-brasileiras, o que faz com que a quebra dos estereótipos se torne mais complexa e difícil.

Em uma sociedade predominantemente machista a quebra dos estereótipos e barreiras acaba se tornando mais difícil, porém não impossível. De certo modo fazer um trabalho acadêmico sobre as pombagiras é um exercício, ainda que pequeno de enfrentar o preconceito contra as religiões afro-brasileiras e assim mostrar os fazeres, a força e a

energia dessa entidade tão estereotipada e julgada. Quando o papel dela é o cuidado e proteção com seus filhos e filhas de santo não só com relação a sensualidade e sexualidade feminina, o que a torna uma mulher de força e independente, mas com o protagonismo da mulher, uma vez que pombagira tem voz, ela canta, fala e dar gargalhada.

A demonização dessa entidade por grande parte dos seguidores do cristianismo, sobretudo, os neopentecostais, gera uma onda de ódio descomunal e desnecessário, à medida que provoca desrespeitos e agressões contra os praticantes da umbanda, candomblé, jurema e quimbanda, as chamadas religiões afro-brasileiras e indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tem como intuito contribuir ainda que seja de maneira curta e simples com a quebra de estereótipos e preconceitos que perseguem as pombagiras e tiram o foco do seu real fazer. O preconceito com essa entidade apaga o que há de mais importante nelas e a sua história. História essa carregada de resistência e ensinamentos que ela tem a oferecer.

A força de mulheres que não baixam a cabeça ou se recolhem para os padrões colocados pela sociedade machista que habitam, a intolerância religiosa ainda é recorrente para com as religiões afro-brasileiras devido a falta de conhecimento, o que faz com que sobre o julgamento, infelizmente.

A resistências das mulheres empoderadas, donas de si, mulheres livres para serem mulheres, sempre vão incomodar o sistema misógino que insiste em tirar as vozes dessas mulheres.

Mas pomba-gira persiste, resiste e gargalha, mostra sua força e seus cuidados com seus filhos e filhas de santo. Pomba-gira é sensualidade, sexualidade, liberdade, prazer, gargalhada, dança, resistência, cuidado, proteção. Por mais que tentem a demonizar ela resiste.

Por fim, o trabalho faz parte da quebra dos preconceitos e barreiras estabelecidas em relação a essa entidade, medida que mostra um pouco do fazer e ser como a entidade com uma representação gigantesca que ela é, não apenas para as mulheres que estão as margens da sociedade, mas para todas as mulheres que querem ser livres e respeitadas por serem mulheres.

REFERÊNCIAS

BARROS, Cristiane Amaral de. **Iemanjá e Pomba-Gira:** imagens do feminino na Umbanda. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2006.

FAVARO, Jean; WEDIG, Josiane Carine; CORONA, Hieda Maria Pagliosa. O rosto das diabas: bruxaria e subversão na cosmopolítica das Pombas-giras. In. ***Cadernos Pagu***, v. 64, 2022. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/18094449202200640019.

NEVES, Gabrielle Marques. "**Na boca de quem não presta Pomba-Gira é vagabunda...**" O corpo da Pomba-Gira como uma possibilidade enunciativa: o feminino a partir do Povo da Rua da Umbanda nas décadas de 1960 e 1970. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

OLIVEIRA, Bruna Cardoso de. A Pomba-Gira e a Gargalhada: Um estudo sobre a Comunicação e o Corpo. Revista Parágrafo, v. 1, n. 3, jan./jun. 2015. ISSN: 2317-4919. Universidade Católica de Brasília.

PRANDI, Reginaldo **Herdeiras do Axé**. São Paulo, Hucitec, 1996, Capítulo IV, pp. 139-164.

SANTOS, Francisco Gleidson Vieira dos; SOARES, Simone Simões Ferreira**.** A Pomba-Gira no imaginário das prostitutas. In **Revista Homem, Tempo e Espaço**, Sobral, v. 11, n. 1, set. 2007, p. 1-19.